

## CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO PENSAMENTO OCIDENTAL

O estudo de Vilém Flusser compõe-se de 22 lições proferidas em determinada instituição brasileira. A tese defendida pelo autor insere-se na já razoavelmente longa dinastia dos filósofos-profetas da chamada "decadência da civilização ocidental", mais especificamente da Europeia - de Spengler até hoje, com vincada influência do pessimismo existencialista. Não vou, é óbvio, fazer a crítica do trabalho, quanto à sua concepção e idéias expostas, embora discorde em grande parte do autor. Flusser acredita, em resumo, que os valores ocidentais ainda podem ser resgatados por uma reformulação axiológica, a cargo de uma elite intelectual.

Quanto a nós, porém, o trabalho, tal qual se apresenta, peca por uma excessiva difusão e dispersão, no processo de expor. Falta-lhe uma vertebração que torne sua leitura homogênea. O próprio fato de estar repartido em lições, com frequentes fugas temáticas, sobrecarga de citações e paralelismos etimológicos e filológicos, torna-o por vezes fatigante e difícil. Estou vendo o caso de um ponto de vista estritamente didático e editorial. Vê-se que o autor possui vasta erudição e certa originalidade interpretativa, mas não as valorizou convenientemente. Gostaria ainda de salientar que, dentro do tema proposto pelo autor, ~~o autor não consegue estabelecer uma conexão clara entre os~~ a essa editora

*já publicado ou vai publicar*

os seguintes livros: "Tendências Básicas da Nossa Época", "O Caso da Civilização Europeia" e "Da Liberdade Humana," em que as mesmas proposições se encontram formuladas com grande autoridade e originalidade de pensamento. Finalmente, o autor não domina o idioma português e os erros semânticos e sintáticos (já para não falar da ortografia) contribuem para que alguns trechos fiquem obscuros ou de interpretação duvidosa. Honestamente creio, porém, que uma reelaboração do tema, expurgado de excursos, preocupando-se mais com a focalização da idéia central, e cuidadosamente submetido a um copy-desk idôneo, não deixaria de apresentar alguma validade filosófica, não como obra de "criação", mas

de interpretação e exegese de certas correntes do pensamento atual.

VILÉM FLUSSER

Aqui agora, no extremo ocidente e no instante de crise talvez extrema, estamos reunidos com a finalidade de tentar analisar o fundamento do pensamento ocidental, do nosso próprio pensamento portanto. O impacto dramático da nossa situação de ocidentais "in extremis" dominará este curso de aulas, muito embora seja o nosso propósito alcançar uma distância filosófica em relação a nossa situação, uma distância que nos permita observá-la calmamente e irônicamente. Afinal das contas, estamos reunidos no Instituto Brasileiro de Filosofia, isto é num lugar instituído para o cultivo e o culto dessa distância calma e irônica chamada "filosofia". Posso prometer aos senhores que me esforçarei, no curso dessas palestras, por alcançar a calma da filosofia, e posso garantir, desde já, que não faltará a ironia. O que não posso esconder, entretanto, é a dramaticidade da situação da qual este curso brota. Apelo portanto aos senhores que colaborem comigo nessa tentativa de superar a nossa situação, que não poupem as suas críticas, sejam elas construtivas ou destrutivas. Este curso é para mim uma aventura, e quero transmitir aos senhores este sentimento, para que juntos experimentemos a sensação da libertação do "hic et nunc" que a especulação filosófica proporciona. Sejamos rudes uns com os outros, e sejamos rudes conosco mesmos, afim de quebrar, ou pelo menos afrouxar, as algemas que nos prendem ao aqui e ao agora. Assim, e sómente assim, estaremos filosofando. E permitam mais uma palavra explicativa: Não lhes falarei de improviso, mas prepararei as aulas em casa, e isto por duas razões diferentes: não me sinto suficientemente dono da língua portuguesa para transformá-la em instrumento dócil e obediente à inspiração do momento. E espero que, lendo em vez de falando, poderei frear um pouco o galope dos cavalos fogosos da esperança e do desespero que pucham o carro do pensamento em sua corrida precipitada em busca da calma. Assim, de maneira refreada, mas nem por isto menos aventureira, convido os senhores de empreender comigo este currículo, cuja poeira olímpica "evehit ad deos". Que essa nossa corrida seja pelo menos parcialmente frutífera e proveitosa.

O propósito desta aula, e da próxima, será a tentativa de definir o conceito "Ocidente". Mas desde já surge a pergunta: valeria ainda a pena tentá-lo? Um olhar rápido sobre a cena da atualidade parece querer mergulhar, desde já, a nossa tentativa num clima de saudade. Em toda parte o Ocidente, (qualquer que seja o significado desse conceito), bate em retirada, e a sua sorte parece selada. Na Ásia perene e imemorial, manancial da humanidade e berço de quase todas as civilizações, foi quebrada a predominância efêmera do Ocidente e os seus povos retomam, embora metamorfoseados, os seus caminhos provisoriamente interrompidos por nossa intromissão impertinente. Na África, duas vezes vítima da expansão ocidental, que a inundou em sua forma islâmica na Idade Média, e em sua forma digamos cristã na Idade moderna, começam a ressurgir as culturas tribais, embora ainda levemente disfarçadas em nossas trajes. Na própria Europa, núcleo do Ocidente, houve um deslocamento de forças, e o centro das decisões se quebrou numa espécie de fissão nuclear, para transportar-se para duas regiões limítrofes e semi-bárbaras: União Soviética e Estados Unidos. E na América dita Latina, dentro da qual estamos jogados para de lá projetarmos a nossa existência, periclitam os fundamentos do Ocidente para se tornarem vítimas da impaciência justificada de massas famintas que foram despertadas de seu sono a-histórico pelo clamor chamado "progresso tecnológico" que se desenvolve no resto do Ocidente. Mas este é apenas um aspecto superficial, o aspecto político, do ocaso do Ocidente. Muito mais profunda, porque existencialmente muito mais imediata e íntima, é a derrocada do Ocidente em outros níveis de significado. Os valores éticos e estéticos da nossa civilização, construídos com tanta dedicação e tamanhos sacrifícios no curso dos últimos três mil anos, tornaram-se ociosos, corroídos pela ação devastadora da dúvida que age de dentro para fora, e esmagados pela ação trituradora do próprio êxito que age de fora para dentro. Os nossos valores se tornaram fúteis, porque neles perdemos a fé, e porque funcionam com perfeição demasiada. Há pelo menos duas ou três gerações os nossos pensadores e os nossos artistas "jeremias", para usar uma palavra de Guimarães Rosa, não precisam recorrer a testemunhos de Spengler ou Toynbe, de Jaspers e Buber, de Kafka e Beckett, para comprovar a evidência aqui exposta.

## VILÉM FLUSSER

Vale a pena, portanto, tentar analisar o conceito "Ocidente", e os fundamentos do seu pensamento, já que se trata de um fenômeno aparentemente condenado? Vale a pena empreender o presente curso? A nossa presença nesta sala é uma espécie de resposta a essa pergunta, embora seja ela uma resposta cheia de problemas e que gera novas perguntas. Vale a pena, dizemos estando aqui, porque estamos interessados no Ocidente. Estamos interessados no Ocidente no sentido etimológico da palavra "interesse", estamos dentro dele. O seu ocaso seria o nosso ocaso, e a sua agonia é a nossa agonia. Querer definir o Ocidente é querer definir a nossa situação, e querer analisar os conceitos fundamentais do seu pensamento é querer analisar o nosso próprio pensamento. Estamos, com efeito, dedicados ao esforço do "gnōti seauton", um esforço tipicamente ocidental que visa a superação de si mesmo pelo conhecimento. Essa êxtase do tipo ocidental, esse samadhi pelo conhecimento, esse satori pela pesquisa, é a meta da nossa tentativa de definir o Ocidente e de analisá-lo os fundamentos. E a fugacidade da meta problematiza a tentativa.

A palavra "Ocidente" é, evidentemente, uma palavra geográfica e significa "Oeste". Faz parte de uma geografia ultrapassada, da geografia da terra plana. Essa terra-disco é dividida por uma linha imaginária e movida em duas partes, e o Ocidente se localiza a esquerda dessa linha. Mas a palavra "Ocidente" carrega consigo também significados históricos, dada a mobilidade da linha divisória, e dada a curvatura da terra que se deu há poucas centenas de anos. O Ocidente não é portanto definível dentro da geografia. É preciso recorrer também à história em nossa tentativa. Mas, além desses dois significados, tem a palavra "Ocidente" toda uma gama de sub-significados, cheios de carga emocional, e que chamarei de significados existenciais e intimamente imediatos. A nossa tentativa de definir o Ocidente de incluir também, e principalmente, também esses aspectos. O Ocidente é um fenômeno geográfico, histórico e vivencial, e como tal deve ser definido e analisado. Somente depois de reunidos estes três aspectos, podemos nutrir a esperança de captar o significado da palavra "Ocidente". Dedicarei a presente aula a uma consideração, embora superficial, dos aspectos geográficos e históricos, e a aula seguinte ao aspecto existencial e à tentativa de síntese dos aspectos.

Os grandes rios sub-tropicais do chamado "velho mundo" são, ao que parece, o habitat no qual se deu esse fenômeno curioso chamado "civilização humana". Ultrapassa de longe o escopo deste curso a tentativa de compreender esse fenômeno, e a de querer interpretá-lo. Basta dizer que "civilização humana" é uma forma de viver, e que "existência civilizada" é uma forma da existência humana. Os grandes rios subtropicais formam três pares, e são portanto, no fundo, apenas três as civilizações humanas, apenas três as formas de existência civilizada. O par Hoanho-Yangtse é o habitat da civilização oriental, o par Indus-Ganges é o habitat da civilização indiana, o par Nilo-Eufrat é o habitat da civilização da qual trata este curso. Pode parecer aos senhores uma perigosa simplificação essa tentativa de esquematizar uma realidade complexa. Mas uma visão abarcadora é forçosamente simplificadora e simplista. Desde que não despreze os detalhes omitidos, mas os relegue como que para futura referência, pode ser aceita. Com esta reserva mental quero impressionar os senhores com a pobreza extrema das variações que o tema "civilização humana" tem experimentado. Em apenas três lugares restritos da superfície terrestre se realizaram as imensas potencialidades da existência humana civilizada, apenas três projetos existenciais foram elaborados entre os inúmeros possíveis. É a discrepância entre a pobreza da realidade, e a riqueza inexaurível da potencialidade. É por isto que nunca compreendi o empenho entusiástico em prol da realidade que parece empolgar tantos hoje em dia, mesmo desconsiderando a problematidade da realidade em prol da qual se empenham.

A partir desses três pontos restritos portanto projetou-se a forma civilizada de existir sobre a superfície da terra. O campo de sua expansão estava pré-figurado pela geografia. Nos majestosos milênios que separam a origem das civilizações daquela incrível época que são os séculos 6 e 5 antes de Cristo, espalhou-se a forma civilizada de existir oriental por aquela região que chamamos de "Extremo Oriente", a forma indiana encheu a península, e a forma que re-

luto de chamar de "ocidental" nesse estágio do seu desenvolvimento espalhou-se pelas terras que cercam o Mediterrâneo oriental e que ligam o Cáucaso e o Pamir com o Golfo da Pérsia e o Mar Vermelho. O resto da humanidade vivia existências não civilizadas em terras onde habitam leões, e formigas cavadoras de ouro. Eram três clareiras dentro da mata virgem da barbárie tribal as três civilizações, eram três mundos suspensos no céu. O contato entre essas três ilhas cósmicas era desprezível, se é que existia, e cada uma representava um projeto existencial fechado. Para um participante da civilização proto-ocidental esta representava portanto o mundo tout court, e o problema da pluralidade de projetos não se apresentava. Tratava-se, pelo contrário, de viver-se dentro do projeto, (que era o mundo), de acordo com as regras do projeto. Essas regras, que davam forma ao projeto e fizeram com que a civilização proto-ocidental fosse um cosmos, eram os mitos, realizados ritualmente. Com efeito, a existência se realizava ritualizando os mitos que informavam a civilização, e a participação nesses mitos era sinônimo de existência civilizada. A história da civilização, que era sinônimo de história do mundo, era a história de conflitos entre mitos, e a tendência da história era para uma mitologia unificadora. As guerras e as conquistas, que nos parecem terem sido guerras entre cidades e povos, e conquistas produtoras de impérios, eram, com efeito, guerras entre deuses e festas rituais, e conquistas produtoras de hierarquias teogônicas, de teocracias cósmicas unificadoras. A tendência da civilização era portanto para uma festa gigantesca a festejar de maneira ordenada todos os mitos dos quais essa civilização se projeta. Nessa festa a civilização teria experimentado vivencialmente a realidade misteriosa que os mitos revelam. Todas as manifestações da civilização, tanto as políticas como as sociais, tanto as econômicas como as religiosas, tanto as éticas como as artísticas, eram manifestações rituais preparadoras da festa cósmica, e neste sentido já faziam parte dessa festa. Não é portanto correto falar-se em história da civilização, se por "história" entendemos um processo de desenvolvimento. A festa é um processo cíclico, é o eterno retorno do sempre idêntico, e é somente neste sentido de retorno que podemos falar em "história" ao considerarmos o proto-ocidente.

Nos séculos seis e cinco antes de Cristo esse ciclo parece ter dado uma volta completa. A contemplação dessa época causa espanto, e, a despeito de todas as tentativas de uma explicação racional sentimos que estamos contemplando um milagre. Ultrapassa o escopo deste curso a consideração dessa época no território das duas civilizações alheias, e basta portanto citar apenas os nomes de Lao-tsé, Confútsé e Buddha para caracterizá-la. No território da nossa civilização essa época pode ser caracterizada pela profecia israelita e pela filosofia grega. Ambas, a profecia como a filosofia, são, com efeito, uma visão cósmica no sentido há pouco esboçado, e representam, cada uma por si, a realização total do projeto da civilização da qual surgiram. Na profecia e na filosofia, e mais especialmente em Jeremias e nos pré-socráticos, tornam-se explícitos os mitos implícitos na civilização, e esta se torna, portanto, autoconsciente. Eleva-se, por isto mesmo, para um plano ontológico novo. É a partir dessa época que podemos falar em civilização ocidental no sentido estrito. A duplicidade da inspiração caracteriza a nossa civilização, e a história do Ocidente é a história da tentativa de unificação da herança judaica e grega. É uma história no verdadeiro sentido da palavra, é a realização progressiva de dois projetos paralelos, fundamentalmente interligados, mas opostos em muitos dos seus aspectos. Tentemos acompanhar essa história em passos largos.

E ela dividida, pela tradição, em três estágios enormes: a Idade antiga, a Medieval e a Moderna. A Idade antiga representa a fusão das duas inspirações no cristianismo e no Império romano. A Idade média representa a segunda fusão no Islã e no Califado, e a encapsulação do cristianismo e do Império na escolástica e no feudalismo. A Idade moderna representa a terceira fusão na ciência e na tecnologia, e a conquista do globo pela civilização ocidental, implicando a quase destruição das duas civilizações alheias. Essa terceira Idade está se aproximando rapidamente do seu fim, o que nos transforme em observadores quase externos.

## VILÉM FLUSSER

A Idade antiga é dominada pela figura do Cristo. Essa figura é portanto o núcleo da nossa civilização, e nela estão esboçadas as nossas possibilidades como seres civilizados. A nossa vida é, neste sentido, uma imitatio Christi. É Ele para nós a revelação definitiva da realidade subjacente ao nosso projeto, e neste sentido o filho unigenito de Deus. A história do Ocidente é portanto, e neste sentido restritivo, a realização progressiva das potencialidades contidas no Cristo. E a nossa própria história individual, o curso da nossa vida, é essa mesma realização ou não dessas possibilidades. Nesse sim ou não, nesse sic et non, nesse aut-aut, reside a diferença entre autenticidade e decadência dos pensadores existencialistas. Querer escapar a esse dilema é tentativa desesperada, porque é tentativa de escapar ao projeto ocidental que somos. Mas volta-se às vezes no curso destas aulas.

O fim da Idade antiga é marcado pela cisão do Império romano. Esse Império apresentava o orbis terrarum, e neste sentido a tentativa de realizar política e economicamente a fusão da inspiração judaica e grega. Era, em teoria, a um tempo a polis cósmica e o corpo místico de Cristo, isto é o povo eleito. Mas continha, ab initio, um corpo estranho, o elemento latino. Esse elemento confundiu a tendência teórica do Ocidente, e adubou o crescimento da nossa civilização de maneira a um tempo brutal e sutil. A cisão do Império resultou, portanto, na separação da parte teoricamente mais pura, da ortodoxa, da parte mais problemática, da latina. Enquanto que o Ocidente ortodoxo, encarnado primeiro por Bizâncio, mais tarde por Moscou, continuava a sua busca da realização do projeto do cristianismo, mergulhava o Ocidente latino na penumbra bárbara do encapsulamento. Simultaneamente, irrompeu para dentro do território ortodoxo o elemento eslavo, e para dentro do território latino o elemento germanico, duas influências cábricas de assimilação difícil. A Idade média é a época da assimilação penosa desses elementos estranhos. Ao mesmo tempo surgiu, triunfador, o fenômeno do Islã, essa fusão greco-judaica em trajes novas que ameaçou substituir o Império pelo califado. Embora enormemente interessante, resolvi, por razões de economia de tempo e de falta de introspecção, excluir esse fenômeno do curso dessas aulas. Resolvi limitar, por hipótese operacional, o conceito "Ocidente" ao Império ortodoxo e latino.

O fim da Idade média é fixado, pela tradição, pela mudança do Império ortodoxo de Constantinopla para Moscou, e pela descoberta de novas terras no globo redondo, descoberta essa feita pelo Império latino. E, com efeito, a total eslavização da ortodoxia, e a parcial germanização da latinidade. A consequência da eslavização é a santificação do Estado-paz, e a consequência da germanização é a mentalidade empírico-científica, ambas características da Idade moderna. O aspecto eslavo da Idade moderna é recessivo, o aspecto germânico é dominante, mas as últimas gerações são testemunhas da erupção do aspecto eslavo. São, entretanto, ambos aspectos da realização do cristianismo. Irrompendo da sua crisálide medieval, estava o Ocidente, tanto ortodoxo como ~~latino~~ latino, realizando esse projeto no curso da Idade moderna com êxito retumbante. O ortodoxo criou um estado que se aproxima, rapidamente, da realização da civitas dei, do paraíso na terra, e o latino criou uma tecnologia que alcança o mesmo estado de coisas a partir de um outro ponto de ataque. A diferença de métodos é apreciável, mas a meta, quase alcançada, é a mesma. Parece que na realização total que se aproxima, e que se torna já visível na forma dos Estados Unidos e da União Soviética, as duas partes de Roma se reunirão na fusão definitiva da morte. Já agora as diferenças são mais tradicionais que efetivas, e a existência tanto ortodoxa como latina se tornou quase indistintível. A interligação entre as duas metades, sempre íntima, mas agora quase indistintível, resulta na tecnicalização da ortodoxia e na ortodoxização da tecnologia, portanto na realização total do projeto do Ocidente. As jeremiadas que caracterizam a nossa geração testemunham a consciência desse processo. Ressoam altas no Ocidente latino, mas começam a aparecer também no Ocidente ortodoxo, e não podem ser sufocadas nem pelos métodos drásticos de catharsis. Não digam, portanto, que essas profecias proclamam tão somente o fim do mundo burgues, isto é o mundo da Idade moderna. Não, proclamam o fim do Ocidente, isto é do mundo tout court do nosso ponto de vista.

VILÉM FLUSSER

Confesso que não creio nessas profecias, embora não as despreze. Confesso que para mim o projeto do Ocidente é inexaurível, por ser um projeto autenticamente revelador de uma realidade transcendente. Nunca poderá ser realizado, e a história do Ocidente nunca terá um fim necessário e inescapável. Não compartilho, nem por isto, do otimismo ingenuo, da fé no progresso ininterrupto, que está sendo proclamada oficialmente tanto pelo Ocidente latino como pelo ortodoxo, porque creio ser inteiramente possível o ocaso do Ocidente. Creio possível esse ocaso, mas o creio evitável. A essa crença e ao exame da pergunta: "Vale a pena evitar o ocaso?" está dedicado o curso destas aulas. Com efeito, será ele uma tentativa de resposta a uma das mais poderosas jeremiadas que conheço, ao pensamento de Vicente Ferreira da Silva. A memória desse pensador dedico o presente curso.